



# AS POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

THE POTENTIALS OF STORYTELLING IN HEALTH EDUCATION

**SILVA, A. C. de M.<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-8140-2938>  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

**SEI, M. B.<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-0693-5029>  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

## RESUMO

O Sensibilizarte, projeto de extensão de humanização em saúde, a partir de uma proposta multiprofissional, busca sensibilizar o ambiente hospitalar, por meio de recursos artísticos. O projeto é composto de quatro frentes de atuação: Contação de histórias, Palhaço, Artesanato e Música. Diante disso, este estudo tem como objetivo discorrer acerca da experiência particular na Contação de histórias, refletindo sobre as potencialidades do trabalho em grupo, pela perspectiva de profissionais que passaram pelo projeto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com dezesseis profissionais da saúde por meio de entrevistas semidirigidas individuais, sendo os dados analisados pelo procedimento de análise de conteúdo. Diante disso, os resultados apontam para o funcionamento do projeto e a relação grupal entre discentes, percebendo que os participantes afirmam terem desenvolvido habilidades de autoconhecimento, relacionamento interpessoal e empatia ao enfrentarem as dificuldades presentes no cenário hospitalar. O projeto se configurou como um contato diferente com o paciente internado, auxiliando os futuros profissionais no manejo dessa relação e no reconhecimento das emoções despertadas durante esse encontro. O amparo dos colegas e a troca de experiências se mostrou essencial para a realização do trabalho, ao exercer uma função de suporte e propiciar reflexões, além de auxiliar no reconhecimento da importância da prática multidisciplinar na atuação profissional. Logo, considera-se a configuração do projeto como protetiva, ao formar redes de apoio, sem as quais o trabalho não poderia ser realizado. A vinculação grupal possui potencialidades não só para o âmbito pessoal, mas também para a formação e atuação em saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humanização. Grupo. Multidisciplinar. Contação de histórias. Extensão.

## ABSTRACT

The Sensibilizarte, an extension project for humanization in health, based on a multidisciplinary proposal, seeks to sensitize the hospital environment through artistic resources. The project is made up of four fronts: Storytelling, Clown, Crafts and Music. Therefore, this study aims to discuss the particular experience in storytelling, reflecting on the potential of group work, from the perspective of professionals who have gone through the project. This is a qualitative research, conducted with sixteen health professionals through individual semi-structured interviews. The data were analyzed using the content analysis procedure. Therefore, the results point to the functioning of the project and the group relationship between

students, realizing that the participants claim to have developed self-knowledge skills, interpersonal relationships and empathy when facing the difficulties present in the hospital setting. The project was configured as a different contact with the hospitalized patient, helping future professionals in managing this relationship and recognizing the emotions aroused during this meeting. The support of colleagues and the exchange of experiences proved to be essential for carrying out the work, by exercising a support role and providing reflections, in addition to helping to recognize the importance of multidisciplinary practice in professional environment. In conclusion, the configuration of the project is considered protective, as it forms support networks, without which the work could not be carried out. The group relationship shows to have potential not only in the personal level, but also for health education.

**KEYWORDS:** Humanization. Group. Multidisciplinary. Storytelling. Extension.

## 1. Introdução

A humanização em saúde, pautada na Política Nacional de Humanização (PNH) (BRASIL, 2013), consiste na valorização de todos os envolvidos no processo de cuidado e gestão. Desse modo, busca-se incluir todos os sujeitos (profissionais, gestores e pacientes) e suas diferenças na produção de novos modos de pensar e agir em saúde. A partir disso, formam-se coletivos e compreende-se que tais mudanças só podem ser construídas de maneira compartilhada.

A PNH, a partir do viés da clínica ampliada e compartilhada, dissemina a potencialidade do trabalho em equipe e da corresponsabilização entre os sujeitos para alcançar o objetivo de garantir uma “atenção integral, resolutiva e humanizada” (BRASIL, 2009, p. 6). Procura-se integrar as diversas abordagens em saúde, visando um trabalho multiprofissional e transdisciplinar, devido à complexidade e à necessária ampliação do processo saúde-doença.

Essa fragmentação que a política busca enfrentar se encontra presente tanto na prática profissional quanto na formação em saúde. Silva e Silveira (2011) apontam que um desafio para a execução de novas formas de atuação em saúde é a formação, em maior parte, pautada em técnicas e procedimentos. Para além dos modelos tradicionais de ensino-aprendizagem, as vivências extensionistas permitem ao graduando

experienciar práticas ampliadas, que transcendem as salas de aula e exigem maior capacidade de flexibilidade do acadêmico diante da complexidade e imprevisibilidade das situações (SILVA, 2016).

Nesse âmbito, projetos de extensão com a temática da humanização são desenvolvidos com o intuito de propiciar que os discentes consigam associar as técnicas, aprendidas em sala de aula, com a humanização, desenvolvida a partir do contato com o outro. O projeto de extensão “Sensibilizarte: a arte como instrumento para humanização na formação e no cuidado em saúde” é uma dessas iniciativas, proposto por discentes do curso de medicina em 2007 e vinculado à Universidade Estadual de Londrina, no Paraná. O projeto busca ofertar aos graduandos dos cursos da saúde uma possibilidade de encontro e sensibilização dentro do hospital, a partir de recursos artísticos.

Compreende-se que a arte, no cenário da saúde, colabora para a resignificação da experiência de adoecimento, além de aproximar e auxiliar na ambiência deste contexto (MACHADO; MIRANDA; SEI, 2019). Com isso, o projeto busca modificar o cenário da saúde, além da formação acadêmica, considerando os recursos artísticos enquanto necessários para aprimorar as relações humanas, permitindo sensibilidade, humanização e autonomia (ROSITO;

LOTÉRIO, 2012). Além disso, o contato com histórias e práticas lúdicas geram envolvimento e despertam emoções, sendo considerado um recurso promotor de saúde mental (SILVA, 2016).

O SensibilizArte, desse modo, funciona de forma similar à liga acadêmica descrita por Silva (2016), na medida em que os estudantes idealizam e executam as atividades, funcionando por meio de um aprendizado autogerido, sendo os protagonistas desde a criação, até a execução da proposta. O projeto é composto de quatro frentes de atuação: Contação de histórias, Palhaço, Artesanato e Música. Este trabalho busca se aprofundar nas particularidades da frente da Contação de histórias, tendo em vista que é um recurso que requer presença, envolvimento e participação ativa (SILVA, 2016), utilizando-se da oratória e da exposição de histórias diversas para o contato inicial com o paciente internado.

A humanização deve ser compreendida enquanto um processo, envolvendo diversas mudanças graduais (MACHADO; MIRANDA; SEI, 2019), e de modo ampliado, não somente focada no paciente, mas na equipe e no próprio profissional. Essa percepção ampliada de todos os sujeitos envolvidos no processo torna possível a reflexão acerca da saúde do trabalhador, ou como neste trabalho, a saúde do profissional em formação. Os estudantes passam por dificuldades presentes na extensa carga horária de dedicação acadêmica, que permeiam aspectos emocionais, devido, principalmente às singularidades das profissões da saúde, que lidam com o cuidado, com a fragilidade, com doença e a morte (YOSETAKE et al., 2018).

As práticas de extensão voltadas à humanização podem colaborar no sentido de serem um amparo para esses estudantes, permitindo um olhar para si, como relatado por Lanzieri et al. (2011), que expõem que os estudantes puderam entrar em contato com os afetos decorrentes da experiência com o paciente no hospital e as dificuldades que decorrem disso, podendo trabalhá-las dentro deste espaço. Para Silva (2016), esse elo entre a sociedade e o espaço acadêmico oportuniza um contato único com outros contextos, desenvolvendo autoconhecimento, por meio da alteridade, e aprendendo a dialogar com o

diferente, com o outro, algo essencial para a formação.

Dessa forma, o Sensibilizarte trabalha a partir do viés multiprofissional, buscando integrar os participantes e formar uma equipe coesa, visto que a colaboração é imprescindível, principalmente por se constituir como um projeto autogerido pelos estudantes. O contato com o outro é intrínseco na organização e participação do projeto, dado isso, este trabalho busca discorrer acerca da experiência extensionista na frente da Contação de histórias, refletindo sobre os impactos e potencialidades do trabalho em grupo, na perspectiva de ex-colaboradores do projeto.

## 2. Materiais e Métodos

Este artigo se refere a uma ampla pesquisa empírica, qualitativa, realizada com dezesseis profissionais de saúde, com o objetivo geral de investigar a concepção de profissionais, ex-colaboradores do projeto de extensão Sensibilizarte, sobre o processo de formação, a utilização da Contação de histórias no hospital e a humanização em saúde. Os participantes foram colaboradores da Contação de histórias e eram, no momento da coleta de dados, profissionais dos cursos de Psicologia (n=7), Enfermagem (n=3), Medicina (n=3), Fisioterapia (n=2) e Odontologia (n=1). Enquanto critérios de inclusão neste estudo era necessário ser graduado em quaisquer um dos cursos da saúde que o projeto de extensão abrange e ter participado da frente de Contação de histórias do projeto por no mínimo um ano. Não houve critérios acerca do tempo de formado ou do campo de atuação profissional no momento da coleta dos dados.

Houve tentativa de contato para participação na pesquisa com todos os 24 profissionais que se enquadravam nos critérios de inclusão, tendo sido realizado, previamente, um levantamento do histórico de colaboradores do projeto junto à coordenação. Portanto, foram entrevistados todos que responderam ao contato e que concordaram em participar, voluntariamente, desta pesquisa. Salienta-se que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, CAAE 50271515.7.0000.5231, por meio do parecer 1.316.565, tendo todos os participantes

assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semidirigidas individuais, momento em que os participantes eram levados a refletirem sobre a participação no projeto e os impactos na formação acadêmica. As entrevistas foram norteadas por questões referentes às atividades realizadas e à experiência no projeto, abarcando o vínculo e a relação multiprofissional com os demais colaboradores, além da influência da participação na formação e no contato com os temas de humanização em saúde e recursos expressivos, como a Contação de histórias. Esse material foi gravado, transcrito na íntegra e analisado de acordo com o procedimento de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), sendo que neste trabalho, apresenta-se a categoria “o funcionamento do projeto e a relação grupal”, discorrendo acerca da prática extensionista e suas potencialidades, conforme a literatura nacional sobre humanização, saúde e formação acadêmica. Procurou-se, durante a apresentação e discussão dos resultados, sinalizar alguns relatos dos participantes a fim de ilustrar as temáticas expostas pelos participantes. Para fins de sigilo, os participantes foram denominados conforme as iniciais das suas áreas de atuação e um número aleatório.

Sobre a inserção no projeto, esta ocorre por meio de seleção, devido à alta procura. O processo seletivo tem início com o Simpósio de Humanização em Saúde, evento no qual são abordados temas essenciais para a formação, cuja participação é obrigatória para os interessados no projeto. Além disso, o estudante precisa passar por três etapas: prova teórica, discussão de texto e prova prática, esta última específica de cada frente de atuação. A inserção do discente nesta prática extensionista, portanto, é eletiva na formação acadêmica dos cursos de graduação. Os alunos que participam escolheram e desejaram frequentar o projeto. A escolha pela frente de atuação também é subjetiva e pessoal de cada estudante. Podem participar discentes de qualquer ano da graduação, dos seguintes cursos: Educação Física, Enfermagem, Farmácia,

Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Psicologia e Serviço Social.

Na Contação de histórias, os encontros acontecem semanalmente, sendo as atividades organizadas por meio de capacitações, entradas e momentos de *feedbacks*, pelos próprios estudantes. O processo inicial de capacitação é o momento de preparo, logo após o processo seletivo, no qual os colaboradores ensinam e aprendem uns com os outros. Nesse período, que dura por volta de quatro meses, são trabalhadas temáticas como humanização, entrosamento grupal, autoconhecimento e realizadas oficinas de contação de histórias, teatro, voz, improvisado e *role-play* acerca de situações vivências no hospital, para o contador iniciante poder simular uma entrada (Fig. 1). Há também a necessidade de participar do treinamento oferecido pelos profissionais do Centro de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), com o propósito de conhecer as questões de higiene e conduta necessária dentro do hospital.

Além da dedicação às habilidades do recurso artístico, as capacitações se apresentam como espaços de trocas de experiências, comunicação e integração, assim como para discussão de textos, rodas de conversas e dinâmicas de grupo (MACHADO; MIRANDA; SEI, 2019). Todas essas atividades almejam preparar o estudante para o trabalho de contador de histórias dentro do hospital e fazê-lo refletir sobre o que há para além do recurso expressivo. Após esse processo inicial, os novos membros estão preparados para entrar no hospital. As capacitações são retomadas durante alguns encontros nos quais os membros considerem importante refletir sobre a prática, visitar alguma temática ou preparar alguma entrada especial para o hospital, sendo que todo ano o processo é (re)construído com a entrada de novos colaboradores. Importante salientar que desde a sua criação, o Sensibilizarte é coordenado pelos próprios estudantes, colaboradores do projeto, tendo um Estatuto que orienta o seu funcionamento. O professor, neste caso, tem a função de formalização do projeto junto a Universidade, lidando com questões burocráticas da instituição, tais como formalização de vinculação, contagem de horas e concessão de bolsas de extensão.

**Figura 1** - Capacitação dos estudantes através de *role-play*.



**Fonte:** Arquivo do projeto.

O projeto busca estruturar sua prática antes das entradas, de modo a não se utilizar do recurso de modo vazio, sem reflexão. Procura-se combinar o recurso da Contação de histórias com a PNH, para se compreender o intuito e a relevância da intervenção para com o paciente e a formação em saúde.

Desse modo, a finalidade do projeto não é somente contar histórias, pois se entende o contar apenas como um recurso, uma estratégia utilizada para contatar o paciente. Essa interação discente-paciente é o objetivo a partir do qual são realizadas as entradas nos hospitais (Fig. 2).

**Figura 2** - Estudantes contando histórias no hospital.



**Fonte:** Arquivo do projeto.

As entradas ocorrem no Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná (HU), nas unidades feminina, masculina, pediatria e maternidade, e no Hospital do Coração. Os participantes se caracterizam antes da entrada, vestindo o jaleco amarelo dos contadores e se maquiando. Formam-se grupos para entrar em cada quarto, visando a colaboração entre os estudantes, sendo que sob nenhuma circunstância os colaboradores se encontram sozinhos dentro do hospital. Dentro das unidades de internação,

pergunta-se aos pacientes se eles permitem a entrada nos quartos e se gostariam de ouvir uma história, explicando brevemente sobre o projeto. Em alguns contextos, também são realizadas ações teatrais, principalmente na pediatria. Outro ponto importante é que os discentes perguntam aos pacientes se eles também possuem histórias para contar, pontuando que estão ali para ouvir e conversar. Após as entradas, os contadores se reúnem novamente na sala do projeto e realizam uma discussão acerca dos

acontecimentos e dos sentimentos despertados na entrada.

### 3. Resultados e Discussões

A Contação de histórias busca, para além do aprendizado teórico e técnico de habilidades necessárias para o contador, desenvolver a relação grupal. Os participantes descreveram esses momentos como um grande desenvolvimento e desafio pessoal, ao terem que se expor frente ao grupo. Os ex-colaboradores colocam a importância de se atentar ao outro de modo sensível, buscando compreendê-lo, como uma forma de humanização do cuidado. Descrevem que isto era feito não só nos leitos, como também na interação entre a equipe de contadores, por meio de dinâmicas e rodas de conversas, como exposto nos seguintes relatos:

Então, é bem completa a Contação, porque além de ir lá e contar histórias, a gente tem uma prática de dentro do projeto, que é de se conhecer e de conhecer o outro, que muitas vezes era muito mais isso que a gente fazia do que contar a história em si. (...) Só que o fato de estar em grupo, conhecer o trabalho multiprofissional, estar ali entre várias disciplinas e se conhecer, já ajuda a gente a entender um pouco mais da humanização, porque a gente além de entender só a gente, a gente entende o outro. (ENF2)

Às vezes eu questionava aquelas dinâmicas de integração de grupo, nossa, eu achava assim, eu ficava perturbada, porque eu ia ter que falar de mim, eu ia ter que ouvir. Mas depois eu via a importância daquilo, (...) eu fui vendo a mudança e a importância de estar sensível ao seu colega de trabalho também. Nossos colaboradores são colegas de trabalhos ali dentro e permitir ter um olhar humanizado para eles também, eu vi que isso impactava demais o grupo. (PSI6)

Os participantes da pesquisa realizada por Silva e Silveira (2011) também apontaram que a relação entre os indivíduos que fazem parte do processo de cuidar é muito importante para a humanização. Entretanto,

esse cuidado não deve se restringir apenas à relação profissional-paciente, mas também à relação entre os membros da equipe de saúde. O acolhimento, como sendo uma das diretrizes da PNH, deve ser praticado com todos os sujeitos, ao oferecer uma escuta atenta, sensível e legítima, e a partir disso, construir um vínculo de confiança (MACHADO; MIRANDA; SEI, 2019). Esse movimento de acolher é construído de maneira coletiva, visando “a construção de relações de confiança, compromisso e vínculo entre as equipes/serviços, trabalhador/equipes e usuário com sua rede socioafetiva” (BRASIL, 2013, p. 8). No entanto, vivenciar experiências em grupo não é simples podendo causar incômodos, como pontuado pela profissional da psicologia (PSI6), por não estar acostumado com esse modo de atuação (BRASIL, 2010).

Segundo Brasil (2009, p. 18), algumas das principais dificuldades dos trabalhadores da saúde são “baixa grupalidade solidária na equipe, alta conflitividade, dificuldade de vislumbrar os resultados do trabalho em decorrência da fragmentação”, entre outros. Percebe-se que o Sensibilizarte busca estimular a interação entre os membros da equipe, propiciando um espaço onde os discentes possam se alinhar em prol de algo comum, tendo o amparo do coletivo. Com isso, nota-se que o grupo da Contação apresentava diversas potencialidades, a partir da construção do sentimento de confiança e a instauração de um vínculo de união.

Esse fortalecimento das relações possui um paralelo com o próprio recurso utilizado e a dinâmica da frente. Na Contação, precisa-se do outro para auxiliar na história ou na apresentação do teatro, e para sustentar a dificuldade que é estar em um quarto de hospital com pessoas em sofrimento. Um dos ex-participantes da medicina relatou que a Contação “foi uma maneira muito diferente, uma maneira mais forte de aprender a lidar com a doença, com o sofrimento” (sic) (MED2), assim como relatado pelos seguintes participantes:

(...) a gente não entra em um quarto sozinho para contar uma história, nunca aconteceu, e às vezes, o teu amigo estar do seu lado, para te dar um apoio naquele momento, era

muito importante, surgia essa coragem, eu sentia que eu estava amparada por alguém e isso também era muito bom. (PSI6)

Não é só a questão da relação de você com o paciente, mas também a relação do grupo, você aprende a lidar com esse trabalho em grupo, com o passar do tempo esse trabalho em grupo vai ficando melhor, né? Porque é muito importante para a gente saber se comunicar de forma eficaz e rápida para qualquer tipo de emergência ali dentro [do quarto do hospital]. (PSI3)

A experiência de hospitalização é reconhecida por ser estressante, promovendo sensações de medo e ansiedade nos pacientes (TAKAHAGUI et al., 2014). No entanto, esses efeitos negativos não são exclusivos desses indivíduos, os profissionais e estudantes também enfrentam essas dificuldades. Lanzieri et al. (2011) dentro da realidade de projetos de humanização na graduação apontam para a dificuldade dos discentes em lidar com suas emoções e com o sofrimento presente no hospital, ilustrado pela dificuldade em aproximar e abordar os pacientes, e pela vergonha perante os sentimentos despertados nos encontros. Ao reconhecer este contexto, buscou-se no Sensibilizarte preparar e amparar os discentes para as dificuldades encontradas no cenário hospitalar a partir de suporte e comunicação com os colegas da frente de atuação.

Conforme a diretriz da Clínica Ampliada e Compartilhada da PNH, certas vezes o profissional ao exercitar uma prática de trabalho reduzida, sem escutar atentamente os sujeitos em sofrimento, está evitando o sentimento de dor que este trabalho pode proporcionar (BRASIL, 2009). Desse modo, a PNH busca enfrentar esse ideal de “não envolvimento” e neutralidade, que muitas vezes representa uma barreira para formas de atuação humanizadas (BRASIL, 2009). Neste âmbito, a formação acadêmica dispõe de poucos recursos de apoio e encoraja o distanciamento emocional (LANZIERI et al., 2011), fazendo com que os estudantes não consigam refletir acerca dessas emoções, nem serem capazes de manejá-las adequadamente em sua prática profissional. Prestar atenção nas emoções advindas dessa

prática colabora não só no autoconhecimento, mas na compreensão do outro, sendo benéfico para o trabalho em saúde (BRASIL, 2009).

Segundo Selli, Garrafa e Jungues (2008), atividades coletivas são benéficas, pois permitem um encontro com a própria humanidade, estimulam a sensibilidade, a empatia, desenvolvem relações comunitárias e propiciam reflexões, a construção de pensamento crítico, que redimensionam os saberes previamente adquiridos. Para Rosito e Loterio (2012), é na relação que se desenvolve a sensibilidade, pois é algo que precisa ser construído, que não é dado de forma objetiva.

A PNH tem como um dos seus princípios a transversalidade, que consiste em aumentar a comunicação intra e intergrupos, a partir de uma transformação da maneira como os sujeitos se relacionam, buscando relações horizontais, sem fronteiras de conhecimento e poder (BRASIL, 2010). Dessa maneira, proporcionar aos futuros profissionais um espaço no qual eles possam aprender a desenvolver relações de apoio é relevante para a formação em saúde. A interação entre estudantes de diversos cursos da saúde permite que os colaboradores compreendam a importância do outro no desenvolvimento da sua atuação, tanto dentro do projeto, contando histórias, quanto na especificidade das áreas de atuação em saúde, no trabalho multiprofissional. Desse modo, reconhece o outro enquanto “parceiro colaborativo” no processo de atenção e cuidado (MACHADO; MIRANDA; SEI, 2019, p. 541), construindo-se relações de confiança e vínculos, conforme ilustrado no discurso das participantes da Psicologia. Precisa-se tanto na prática em saúde, como em projetos de extensão na graduação desenvolver “uma rede de conexões”, onde, a partir disso, o trabalho poderá ser realizado.

Para além da grupalidade necessária para a atuação profissional, verificou-se que essa vinculação também era importante no âmbito pessoal da vida dos estudantes. Os ex-colaboradores relataram que o Sensibilizarte atuava como um “refúgio” (sic) (FISIO2) do desgaste dos cursos de graduação, como um dos participantes da enfermagem afirmou que “era muitas vezes a válvula de escape da rotina acadêmica, do estresse” (sic) (ENF3).

Os cursos de saúde, de modo geral, possuem extensa carga de dedicação, o que resulta em estresse e limitação de atividades prazerosas (YOSETAKE et al., 2018). Os estudantes sentem-se cansados, devido às exigências físicas e emocionais do trabalho em saúde (PARO; BITTENCOURT, 2013). O ambiente hospitalar, os procedimentos, conhecimentos técnicos, as exigências acadêmicas e o envolvimento com pessoas e suas histórias são alguns dos fatores que contribuem para isso. O cansaço acadêmico também foi relatado pelos participantes, sendo que uma das profissionais da Psicologia afirmou que, “às vezes eu pensava em faltar [no Sensibilizarte], mas acabava indo e voltava muito melhor do que eu fui” (sic) (PSI6).

O ritmo agitado e estressante do (futuro) profissional da saúde pode ocasionar déficits na qualidade de vida e desconectar o indivíduo do seu grupo social e das redes de apoio, “deixando de lado a ideia de que o profissional de saúde precisa cuidar de si para cuidar do outro” (YOSETAKE et al., 2018, p. 123). Nesse âmbito, a PNH também discorre acerca do suporte ao profissional, afirmando que é importante pensar de que maneiras esses sujeitos podem lidar com as dificuldades do cotidiano (BRASIL, 2009).

Percebe-se efeitos de bem-estar nos participantes, que relatam que foram beneficiados, afirmando que o projeto era uma espécie de “terapia” (sic). Os estudantes são afetados pelas vivências do projeto (MACHADO; MIRANDA; SEI, 2019), sendo que práticas de humanização, com caráter solidário, possuem essa relação de reciprocidade, o que estimula o desenvolvimento de empatia e bem-estar (SELLI; GARRAFA; JUNGUES, 2008).

Os projetos de humanização contribuem para a transformação pessoal dos membros, visto que se aprende por meio do outro, produzindo melhores profissionais, independentemente da área de atuação (BRAGA; SANTOS, RODRIGUES, 2018). Formam-se sujeitos preocupados, humanos e comprometidos, que são habilidades essenciais para a vida em sociedade, transformando o discente em um “potencial agente de mudança” nos contextos em que está inserido (MACHADO; MIRANDA; SEI, 2019, p. 545). Os aprendizados singulares advindos

da participação no projeto se apresentaram como um tópico amplamente abordado nos relatos, conforme visto:

a gente sempre falava que quem ganhava mais ali era quem estava contando, não era o paciente né, como profissional mesmo, faz e ainda faz muita diferença na minha vida como profissional (...) eu acho que o Sensi meio que abriu a minha cabeça assim, mas acho que o principal foi o crescimento pessoal que eu tive (FISIO2)

Então a gente sempre saía de um momento de Contação lá dentro do quarto, para um momento de reflexão quando a gente saía, era bem legal (...) e eu acho que ter essas reflexões que a gente fazia quando a gente saía de lá, valiam muito sabe, porque ajudavam a gente a tirar o nó da garganta. (MED3)

Alguns participantes também relataram o desejo de continuar depois de formados, afirmando que “se despedir da graduação foi muito mais fácil do que do projeto” (sic) (ENF2). Percebe-se que os profissionais descrevem o projeto com carinho, demonstrando vinculação e apego com a proposta e o grupo constituído. Entende-se que esses sentimentos são decorrentes da proximidade e do envolvimento pessoal dos participantes com as propostas do projeto, como os *feedbacks*, após as entradas, citado pela participante da Medicina. Alguns participantes afirmam que esses eram momentos que as pessoas realmente “abriam o coração” (sic) (ODONTO), devido ao “conteúdo emocional forte” (sic) (PSI5) que é vivenciado, sendo que esse momento de fala contribuía para acalmar e refletir, tirando o “nó da garganta” (sic).

Para Goulart e Chiari (2010, p. 266), “o processo de humanizar baseia-se na atitude simples de se disponibilizar para ouvir e contar, trocar experiências e comparar seu processo histórico com o outro”. Ao compartilhar as experiências, os participantes se colocavam, de modo transparente e pessoal, constituindo-se como um espaço onde os colaboradores dividiam tanto momentos alegres, quanto difíceis. Uma potencialidade do trabalho em grupo é a

identificação entre os membros, deste modo, ao relatar as impressões vivenciadas é possível gerar tal sentimento, assim como desenvolver empatia por meio da alteridade.

A partir do trabalho em grupo, os estudantes compartilham, dão suporte e aprendem uns com os outros. Conforme exposto por Braga, Santos e Rodrigues (2018, p. 27) acerca da experiência grupal em um projeto com palhaços no hospital, “pessoas diferentes trabalham e aprendem juntos, trocam suas experiências e levam o somatório dessa experiência também para a vida pessoal e profissional”. Verifica-se que ao contar a experiência é possível repensar a atuação no hospital, elencando pontos positivos e de melhoria. Com isso, exercita-se uma reflexão a partir de um processo educativo que (re)penha tanto o trabalho realizado, como o impacto para o paciente.

#### 4. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo discorrer acerca da grupalidade em um projeto de extensão sobre contação de histórias no hospital. Diante disso, percebe-se que os discentes se vinculam com a proposta, encontrando nesse espaço um amparo e acolhimento, ao mesmo tempo em que buscam levar essas sensações aos pacientes hospitalizados.

Essa configuração grupal é considerada protetiva, à medida que, por meio das relações interpessoais, os discentes encontram um espaço para falar sobre si,

sobre as dificuldades da rotina acadêmica, obtendo um suporte coletivo. Concomitante, ao dispor de seu tempo para contar histórias e ouvir pacientes, os participantes ganham sensações de bem-estar, oriundas da experiência voluntária.

Perante a perspectiva voluntária e lúdica da proposta, os acadêmicos tendem, muitas vezes, a relacionar a atividade como desconectada do caráter profissional, por ser diferente da rotina acadêmica, configurando-se como um momento de “respiro” do estresse cotidiano. Entretanto, verifica-se na prática, que contar histórias vai além de uma “brincadeira no hospital” e que não poderia fazer mais sentido para o profissional da saúde. A partir das discussões levantadas neste estudo, pode-se relacionar a iniciativa do Sensibilizarte com as diretrizes da PNH e com o desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação profissional, como relacionamento interpessoal, autoconhecimento, empatia, criticidade e oratória.

Diante das experiências dos ex-colaboradores torna-se evidente a potencialidade da vinculação grupal para o aprendizado em saúde, o que reverbera na futura prática profissional, na atenção multidisciplinar e integral ao paciente. Conclui-se que na Contação de histórias, os discentes conseguem por meio do lúdico e do acolhimento não só transformar as vivências dos pacientes e o cenário hospitalar, mas impactar suas próprias vidas pessoais, ao construir histórias e memórias cheias de afeto.

**Submetido:** 07/2020

**Publicado:** 03/2022

**DOI:** 10.32356/exta.v22.n2.60058

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRAGA, C. M.; SANTOS, D. L. V.; RODRIGUES, T. G. Doutores Por um Triz: Porque rir é o melhor remédio. **Caminho Aberto: Revista de Extensão do IFSC**, Santa Catarina, v. 5, n. 9, p. 20-29, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/2433/0>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Clínica Ampliada e Compartilhada**. Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília: Autor, 2009. Disponível em:

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica\\_ampliada\\_compartilhada.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica_ampliada_compartilhada.pdf). Acesso em: 19 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS**: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília: Autor, 2010. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus\\_documento\\_gestores\\_trabalhadores\\_sus.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_documento_gestores_trabalhadores_sus.pdf). Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização (PNH)**. Brasília: autor, 2013. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_humanizacao\\_pnh\\_folheto.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf). Acesso em: 20 mar. 2020.

GOULART, B. N. G.; CHIARI, B. M. Humanização das práticas do profissional de saúde: contribuições para reflexão. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 255-268, jan. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232010000100031&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000100031&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 mar. 2020.

LANZIERI, P. G. et al. "Boa noite, bom dia HUAP!", uma experiência de humanização na formação de profissionais da área de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 15, n. 36, p. 289-298, mar. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832011000100022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000100022&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 mar. 2020

MACHADO, I. C.; MIRANDA, F. S.; SEI, M. B. O artesanato no projeto Sensibilizarte: potencialidades na prática da humanização. **Interfaces: Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 535-546, jan-jun. 2019. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/401/pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

PARO, C. A.; BITTENCOURT, Z. Z. L. C. Qualidade de vida de graduandos da área da saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 365-375, set. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022013000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022013000300009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 mar. 2020.

ROSITO, M. M. B.; LOTERIO, M. G. Formação do Profissional em Saúde: uma recusa ao esvaziamento da essência do cuidado humano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 125-142, abr. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362012000100125&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362012000100125&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 30 mar. 2020.

SELLI, L.; GARRAFA, V.; JUNGES, J. R. Beneficiários do trabalho voluntário: uma leitura a partir da bioética. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 6, p. 1085-1089, dez. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102008000600015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000600015&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 nov. 2019.

SILVA, I. D.; SILVEIRA, M. F. A. A humanização e a formação do profissional em fisioterapia. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 1535-1546, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000700089&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000700089&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 ago. 2019.

SILVA, C. E. C. **A contação de histórias na extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6617>. Acesso em: 12 ago. 2019.

TAKAHAGUI, F. M. et al. MadAlegria - Estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico?. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 120-126, mar. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022014000100016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022014000100016&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 ago. 2019.

YOSETAKE, A. L. et al. Estresse percebido em graduandos de enfermagem. **SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 117-124, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762018000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 nov. 2019.